

IRENE ARON

ELIAS

Canetti

Um destino judaico

“... sempre escrevi em alemão e assim prosseguirei. O alemão tornara-se para mim importante demais quando cheguei à Inglaterra para que algo pudesse mudar nesse sentido. O orgulho também deve ter representado um papel significativo nesse caso. Não queria permitir que ninguém - e muito menos Hitler - determinasse em que língua devo escrever ou não. Meus antepassados tiveram que abandonar a Espanha em 1492 e levaram a sua língua para a Turquia, onde se estabeleceram. Este espanhol foi mantido puro por eles durante 400 anos em sua nova pátria e também foi minha língua materna. Aprendi alemão aos oito anos e fui amadurecendo dentro desta língua. Aos 33 tive que abandonar Viena e levei comigo o alemão, da mesma forma que eles tinham levado o seu espanhol. Talvez eu seja a única personalidade literária para a qual as línguas dos dois grandes banimentos da História se concentram desta maneira. Uma constelação assim curiosa não deve ser perturbada. É mais sensato deixá-la vir à tona simplesmente. Algumas vezes sinto-me um poeta espanhol de língua alemã. Quando leio os antigos espanhóis, como a Celestina ou os *Sueños* de Quevedo, creio expressar-me através deles. Ninguém sabe quem realmente é. Dá-me forças saber apenas isto” (1).

IRENE ARON é professora do Departamento de Letras Modernas e Língua e Literatura Alemã da FFLCH-USP e autora de *Gorg Buchner e a Modernidade* (Editora Annablume).



Ao fazer esta afirmação em uma entrevista de 1965, Elias Canetti ainda não tinha atingido uma repercussão nos países de língua alemã compatível com sua estatura literária. A não ser um número restrito de intelectuais e estudiosos, ninguém realmente sabia quem era Canetti, uma figura singular que ocupa uma posição singular no âmbito da literatura de língua alemã, para quem, na verdade, nunca foi importante fazer saber quem realmente fosse Elias Canetti.

Quando da outorga do Prêmio Nobel de Literatura, em 1981, a notícia praticamente só teve repercussão junto a germanistas e aos meios de comunicação, embora o semanário alemão *Der Spiegel* não lhe dedicasse nenhum espaço significativo, ao contrário do americano *Newsweek*, por exemplo, que lhe dedicou uma página e meia. A mídia alemã, no entanto, não expressou em nenhum momento o sentimento de orgulho nacional, típico para uma notícia desse porte, e sim, apenas, surpresa e uma indagação.

A surpresa deveu-se talvez ao fato de que, a exemplo do que acontecera em 1966, a Academia Sueca conferira a um escritor judeu búlgaro de língua alemã o maior prêmio literário internacional. Na década de 60, com a Alemanha preocupada em usufruir seu milagre econômico, depois do grande empenho pela reconstrução nacional e pelo esquecimento do passado nazista, Nelly Sachs, uma poetisa alemã, de origem judaica, com domicílio na Suécia desde a fuga do regime hitlerista, recebera a grande láurea como representante de uma literatura cuja língua, a alemã, fora também co-responsável pela barbárie do passado. Naquela época, esse fato provocou algum constrangimento, talvez o mesmo sentimento que perpassou a Alemanha quando da premiação de Canetti, em detrimento de outros autores alemães, constantemente presentes nas listas dos “premiáveis”, como Günter Grass, por exemplo.

Por sua vez, a indagação a que nos referimos acima tenta, sem dúvida, elucidar quem é Elias Canetti, conforme dissemos, um fenômeno peculiar dentre os autores contemporâneos de língua alemã. A repercussão restrita por ocasião do Prêmio Nobel seria então, de fato, surpreendente, se não constituísse um sintoma recepcional característico para as dificuldades de definir a posição literária de Canetti no contexto da

literatura de língua alemã e de estabelecer sua importância nesse mesmo contexto, do qual, na verdade, sempre se manteve longe na maior parte de sua vida.

A recepção singular de Canetti não só tem a ver com a singularidade de sua obra, de caráter marcadamente extemporâneo no que concerne a parâmetros que determinam a atualidade do movimento cultural e literário alemão, já que nenhuma definição parece ajustar-se exatamente a sua obra. Essa característica recepcional deve-se igualmente a particularidades de sua biografia, a uma espécie de abstinência literária forçada, ou mesmo à relutância consciente em publicar sua obra.

Assim, explica-se o fato de ter sido apresentado à Academia Sueca como “poeta exilado e cosmopolita, cuja pátria é a língua alemã”. Curiosamente, o escritor austríaco Hermann Broch também o definiu desta maneira, em 1933, por ocasião de uma das raras leituras do romance *Auto-de-Fé*, concluído em 1931 e ainda não publicado naquela ocasião. Broch, da mesma forma, enfatizara em sua apresentação, naquela data, a condição de “poeta alemão” do jovem escritor Canetti, não obstante a sua origem judaico-sefardita e sua naturalidade búlgara. De fato, Canetti sempre considerou-se um poeta alemão, de origem judaico-sefardita, nascido na Bulgária, que ao longo de toda sua vida se manteve fiel à língua alemã. As experiências de sua vida cosmopolita e também, especificamente, judaico-sefardita, aliada à aquisição tardia e perseverante da língua alemã, proporcionaram-lhe desde cedo e sempre a consciência de sua singularidade e do exílio como condição judaica. Todos estes dados tornam-se assim referência fundamental em sua obra, de cunho marcadamente autobiográfico.

Neste sentido, não surpreende o fato de Canetti, em seu discurso de agradecimento à Academia Sueca, prestar uma homenagem comovente às três *Stadtgottheiten*, às três cidades-deusas, divindades, que marcaram sua trajetória: Viena, Londres e Zurique. Ao mesmo tempo, homenageia quatro personalidades a quem atribui a sua presença ali naquele momento e cuja influência declara indiscutível e marcante para sua produção literária: Karl Kraus, Franz Kafka, Hermann Broch e Robert Musil. Quatro nomes significativos da literatura em língua

alemã, três deles compartilham a mesma origem judaica de Canetti e todos o mesmo caminho solitário percorrido por ele e sua singular recepção.

Através da referência a estes representantes da literatura de língua alemã fica claro quais são as raízes literárias de Canetti e o contexto lingüístico em que se insere. Trata-se, pois, da região de domínio do Império Austro-Húngaro que, na virada do século, tornou-se o nascedouro de várias manifestações culturais e sociopolíticas significativas. Depois da Primeira Guerra Mundial, essa região vivenciara um processo de decadência, mantendo-se, porém, como à época da monarquia austríaca e como comprovam os autores citados por Canetti, uma fonte de estímulo cultural inigualável.

Os reflexos dessa cultura multifacetada e rica faziam-se sentir muito além dos limites do citado Império, atingindo sua influência para além dos Bálcãs. A abrangência desta zona de reflexos culturais revela-se, por exemplo, na importância que a pequena cidade de Rustschkuk, ou Ruse, às margens do Danúbio, extremo norte da Bulgária, adquiriu por volta do começo do século. Essa localidade, onde Canetti nasceu em 1905, representava o último porto fluvial que separava o “Oriente” propriamente dito, do resto da “Europa”. E a “Europa” que magnetizava culturalmente a elite dessa cidadezinha do “Oriente” era sinônimo do Império Austro-Húngaro e de sua língua oficial, o alemão, símbolo de europeização, assimilação e aculturação para os povos de outras origens, principalmente para os judeus sefarditas que ali habitavam, já desvinculados de sua tradição lingüística, religiosa e cultural mais rígida e fechada. Para estes judeus, o alemão representava uma ascensão cultural, adquirindo o significado de uma nova pátria lingüística.

O alemão como língua de expressão cultural merece lugar de destaque indiscutível na biografia de Canetti, assim como nela está presente como fator incondicional de constante influência a língua e os costumes dos judeus sefarditas de Rustschkuk. No entanto, como Canetti mesmo afirma na citação inicial, esta tradição remonta aos tempos do reinado de Fernando e Isabel de Castela, quando ali viviam os antepassados de Canetti, banidos da Península Ibérica ao lado de outras 35.000 famílias de judeus sefarditas, em 1492.

A família de Canetti refugiou-se na Turquia, onde o Império Otomano garantia aos judeus asilo e liberdade religiosa. Embora ainda de posse do passaporte turco, o avô de Canetti optou, no fim do século passado, por estabelecer-se na Bulgária, onde mantinha uma *butique*, um estabelecimento comercial. Na verdade, o nome Canetti é uma forma italianizada de um nome originalmente espanhol, mais especificamente, a denominação de uma pequena cidade espanhola, situada na província de Cuenca, entre Cuenca e Valência, de nome Cañete. Os judeus que habitavam a *juderia* de Cañete viveram ali por vários séculos e exerceram um papel significativo, principalmente na segunda metade da Idade Média, tanto que ficou documentada a importância de Cañete na época. “Minha família por parte de pai”, esclarece Canetti em outra entrevista de 1972, “fixou-se durante alguns séculos em Adrianópolis, em turco, Edirna, e meu avô emigrou de lá para a Bulgária e ali vim ao mundo. Somente mais tarde fiquei sabendo que o nome Canetti na verdade deveria ser Cañete e que fora mudado para Canetti no começo do século XIX por um antepassado. Havia muitos comerciantes italianos na Turquia e por alguma razão qualquer este nome lhe soou mais agradavelmente” (2).

A família Canetti continuou a cultivar durante séculos, a exemplo da maioria das famílias de judeus sefarditas espalhados pelo mundo, depois da expulsão da Península Ibérica, as tradições religiosas e culturais dos sefarditas, e, principalmente, a sua língua de comunicação, o ladino, o espanhol falado pelos judeus espanhóis à época de sua expulsão da Espanha. O ladino foi, portanto, a primeira língua aprendida pela criança, seguida do búlgaro, usada para a comunicação com os empregados domésticos, depois o inglês, por ocasião da transferência da família para Manchester, Inglaterra, para fugir à influência autoritária do avô sobre o pai de Canetti. Em seguida, veio o francês e, finalmente, o alemão, com a mudança da mãe e dos irmãos para Zurique e Viena, após a morte prematura e inesperada do pai, na Inglaterra. A língua alemã viria a tornar-se, a partir de então, ao lado do ladino, estranho e exótico, a verdadeira língua materna de Canetti, a misteriosa *Zaubersprache* em que os pais se comunicavam entre si, a “língua mágica”, “implantada tardiamente e sob

1 E. Canetti, “Gespräch mit Horst Bienek”, in *Die gespaltene Zukunft*, München, Hanser, p. 103.

2 Idem, “Gespräch mit Joachim Schockel”, in *Die gespaltene Zukunft*, op. cit., pp. 106-7.

verdadeira tortura” (3), conforme declara o autor no primeiro volume de sua autobiografia, *A Língua Absolvida*.

Toda a formação escolar, profissional, cultural e literária de Canetti dar-se-ia no contexto de língua alemã, com passagens marcantes por Viena, Zurique e Frankfurt e, novamente, Viena, abandonada relutantemente após a Noite dos Cristais, em novembro de 1938. A partir de então, Canetti torna-se definitivamente cidadão do mundo, com domicílio em Londres, a princípio, depois nessa cidade e em Zurique, onde veio a falecer em agosto de 1994, aos 89 anos.

Canetti viveu, portanto, sem contar os anos finais, grande parte de sua vida desde o exílio num contexto lingüístico estranho à língua alemã, na Inglaterra, cuja língua dominava tão fluentemente quanto o alemão. No entanto, manteve-se fiel à sua identidade de poeta alemão, e, terminada a Segunda Guerra Mundial, jamais concordou em aceitar a hospitalidade sempre reiterada de retornar à Viena, sua pátria de adoção, onde poderia ter ocupado a posição de poeta oficial, vaga devido à emigração forçada de tantos autores judeus ou não que optaram por ficar nos países que os abrigaram e ali morreram. Canetti, no entanto, jamais abdicou, tanto de sua fidelidade à Viena, sempre repetida em sua obra, quanto de sua simbiótica e frutífera relação com a língua alemã, mesmo no exílio, o que não é surpreendente, pois Canetti, de certa forma, sempre experimentou o exílio por força de sua origem e destino.

Seu discurso por ocasião do Prêmio Nobel reafirma, portanto, sua identidade como autor de língua alemã num contexto que ele próprio delimita, ao citar os nomes de Kraus, Kafka, Broch e Musil. Trata-se assim da confissão orgulhosa por parte de Canetti de sua filiação a uma tradição literária que se localiza no âmbito histórico e geográfico da “Kakânia”, *Kakaniën*, na formulação irônica de Robert Musil, ou seja, dentro dos domínios da monarquia imperial e real da Áustria, a *kaiserliche und königliche Monarchie, k.u.k Monarchie*. Assim, também, pouco surpreende a recusa de Canetti quando, em meados dos anos 60, os escritores alemães Günter Grass e Peter Weiss lhe propuseram, em nome da Academia de Letras de Berlim, que ele se associasse aos seus membros e para tal o convidaram a vir

a Berlim. Canetti declinou o convite, jamais abrindo mão, portanto, de sua posição periférica no que concerne ao movimento literário de língua alemã.

Conforme mencionado anteriormente, em 1935 Canetti publica sua primeira obra, seu único romance, escrito no início dos anos 30: *Die Blendung (Auto-de-Fé)*. Excetuando-se algumas sessões de leitura a amigos, o romance mal obteve eco na Áustria. Nem mesmo a influência de Stefan Zweig junto à Editora Herbert Reichner, de Viena, para publicá-lo, revertem essa tendência. Vale mencionar que a situação política da Alemanha - com seus reflexos na Áustria - impediu que o romance atingisse um público maior. A queima de livros de escritores alemães de origem judaica ou de coloração política contrária à oficial ocorrera apenas, dois anos antes, em 1933, e a produção literária alemã mais significativa reduziu-se nesses anos a obras publicadas no exílio, restritas a um pequeno público. No entanto, em relação a *Auto-de-Fé*, pode-se afirmar que o romance daquele jovem desconhecido provocou algumas poucas manifestações de peso: Thomas Mann, já no exílio, por exemplo, atesta em carta a Canetti a sua admiração, pouco efusiva, porém, pela obra recém-publicada. O então jovem Peter Weiss leu, sem dúvida, o romance, conforme menciona em sua obra autobiográfica, *Fluchtpunkt*, publicada décadas mais tarde, considerando-o à altura de *Berlin Alexanderplatz*, de Döblin. Na própria Alemanha, Peter von Haselberg, um famoso crítico da época, em sua resenha de 12 de abril de 1936 para a *Frankfurter Zeitung*, na ocasião um jornal ainda relativamente independente, principalmente no que diz respeito às opiniões emitidas em suas páginas de literatura e cultura, deixa entrever o sucesso que o romance teria, sob condições políticas diferentes. Haselberg coloca o romance de Canetti ao lado da magnitude e da inovação literária do *Ulysses*, de James Joyce.

O romance de Canetti, a julgar a época em que foi escrito - antes de 1933, ano da tomada do poder por Hitler -, demonstrou ser uma das obras mais clarividentes da barbárie prestes a se desencadear na Alemanha, focalizando, como uma antecipação sombria da história - e da própria queima de livros citada anteriormente -, as tendências e a dinâmica destrutiva do totalitarismo,

3 Idem, *Die gerettete Zunge*, Frankfurt a. M.: Fischer, 1982, p. 86.



provocando mesmo, anos mais tarde, o espanto de seu próprio autor por sua premonição. Neste sentido, Canetti afirma em um aforismo de 1946: “O que você criou cheio de horror demonstra ser mais tarde uma simples verdade” (4). No entanto, apesar destes fatos - ou até mesmo devido a eles -, a obra inicial de Canetti desapareceu do circuito alemão por longos anos.

No contexto de língua inglesa, porém, ocorreu uma receptividade maior, por ocasião da tradução inglesa, de 1946 (*Auto-da-Fé*), e da americana, de 1947 (*The Tower of Babel*), conforme as inúmeras resenhas publicadas em ambos os países e os programas radiofônicos dedicados à obra, comparada à de Joyce, Kafka ou Dostoiévski, e considerada um dos grandes romances do século. Por sua vez, o sucesso da tradução francesa, de 1949, sob o título *La Tour de Babel*, conferiu a Canetti o Grand Prix International du Club Français du Livre daquele ano.

Na Alemanha, uma segunda edição de

Blendung, de 1948, publicada em Munique, passou despercebida também, apesar de cessado o efeito da catástrofe que dominara o país. Somente em 1963, na terceira tentativa, seguida de uma edição de bolso, e três anos após a publicação de *Masse und Macht* (*Massa e Poder*), o romance alcançou um sucesso mais significativo, provocando, porém, críticas ácidas ao até então quase desconhecido escritor. Hans-Magnus Enzensberger, por exemplo, em 1963, considerou o romance “um livro insuportável, um monstro literário” (5), à semelhança do crítico Marcel Reich-Ranicki, que anos mais tarde também referiu-se a ele como uma “obra da juventude monstruosa e, ao mesmo tempo, impressionante” (6).

Apesar disso, a partir dos anos 60, principalmente, portanto após a terceira publicação do romance *Auto-de-Fé* e de *Massa e Poder*, Canetti começa a conquistar nos países de língua alemã um público maior e um maior reconhecimento por parte de críticos e estudiosos da literatura, a exemplo

4 Idem, *Die Provinz des Menschen*, Frankfurt a. M.: Fischer, 1981, p. 86.

5 Cf. H. M. Enzensberger, *Der Spiegel*, XVII, H. 32, 1963, p. 48.

6 Cf. M. Reich-Ranicki, “Elias Canetti”, in M. Reich-Ranicki (ed.), *Entgegnung*, Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1969, p. 55.

da nova recepção de sua obra na Inglaterra, também nos anos 60, com a republicação de *Auto-da-Fé* e da tradução de *Crowds and Power*, principalmente.

Assim, na República Federal da Alemanha e na Áustria, notadamente, sucedem-se a partir de agora os prêmios literários concedidos a Canetti, superando em parte o grande drama da falta de ressonância de suas obras e o longo silêncio auto-imposto pelo autor por ocasião de seu exílio na Inglaterra. Somente no fim da década de 40, Canetti recomeçara sua atividade literária. Na verdade, porém, dedicara-se todos estes anos de consciente ostracismo à anotação de aforismos, publicados anos mais tarde sob o título de *Provinz des Menschen (Província do Homem)*, e ao estudo de temas filosóficos e antropológicos, principalmente ligados à massa e ao poder, uma obsessão de sua vida durante trinta anos.

Todavia, ao lado de uma recepção francamente positiva, detectada através da publicação de suas obras autobiográficas e ensaísticas, é preciso mencionar o escândalo provocado, em 1965, pela encenação dos dramas *Komödie der Eitelkeit (Comédia da Vaidade, de 1934)* e, principalmente, *Hochzeit (Casamento, de 1932)*, em Braunschweig, RFA, com apupos e vaias durante o espetáculo, reputado como um “abuso sexual no palco”. No entanto, em 1977, esta mesma peça foi encenada pelo Schiller Theater de Berlim, com grande sucesso desta vez. E notícias de jornal, de 1989, documentam, por sua vez, a encenação da mesma peça, com críticas altamente favoráveis.

Como se vê, grande parte da obra de Canetti, publicada até hoje, é oriunda da primeira fase de sua produção literária. As obras publicadas nos anos 70 e 80, os três volumes de sua autobiografia que abrangem os anos de 1905, seu nascimento, até 1937, praticamente o último passado em Viena, os ensaios, a narrativa de viagem, *Die Stimmen von Marrakesch (As Vozes de Marrakech)*, e os volumes de aforismos, retomam, de certa forma, temas que caracterizam a “fase vienense” de Canetti. Numa referência a esta afirmação de que tudo que Canetti escreveu teve sua origem em Viena, pode-se mencionar a constatação de Canetti no primeiro volume de sua autobiografia, *Die gerettete Zunge (A Língua Absolvida)*, segundo a qual tudo que vivenciara em sua longa existência

na verdade já tinha ocorrido um dia em Rustschkuk, durante sua infância.

Se, por um lado, portanto, a obra de Canetti gira basicamente em torno dos anos passados em Viena, até 1938, a ressonância de sua obra e a singularidade de sua recepção são fenômenos muito recentes. Assim, por exemplo, à guisa de curiosidade, vale mencionar que apenas em 1980 o romance *Die Blendung* foi publicado na então República Democrática Alemã, seguido de outras publicações menores. Canetti, na ocasião, foi considerado um intelectual burguês e um humanista cujo enfoque subjetivo impede “o conhecimento do mundo como um todo”. Até a derrocada do comunismo no Leste Europeu, tanto na antiga República Democrática Alemã quanto em outros países, *Massa e Poder* e *A Província do Homem*, de 1973, eram tabu. A relutância contra *Massa e Poder* é comprovada igualmente num artigo de 1981, publicado no jornal soviético *Literaturnaja Gazeta*: nesse ano, por ocasião da concessão do Prêmio Nobel de Literatura, a obra em questão foi simplesmente omitida, assim como a origem judaica de Canetti. Como mais um fato curioso, vale citar a tradução chinesa do romance *Auto-de-Fé*, datada de 1986.

No Brasil, Canetti revelou-se um fenômeno pós-Nobel, com a publicação de um número significativo de suas obras num espaço de tempo bastante curto: *Auto-de-Fé*, Editora Nova Fronteira, 1982; *Massa e Poder*, Editora Universidade de Brasília/Melhoramentos, 1983 (sendo atualmente retraduzida pela Companhia das Letras); *A Língua Absolvida* (1977), primeiro volume da autobiografia, Companhia das Letras, 1987; *As Vozes de Marrakech* (1968), Editora L&PM, 1987; *Uma Luz no meu Ouvido (Die Fackel im Ohr, de 1980)*, segundo volume da autobiografia, Companhia das Letras, 1988; *O Outro Processo: As Cartas de Kafka a Felice (Der andere Prozess - Kafkas Briefe an Felice, de 1969)*, Editora Espaço e Tempo, 1988; *O Todo-Ouvidos (Der Ohrenzeuge, de 1974)*, Editora Espaço e Tempo, 1989; *A Consciência das Palavras (Das Gewissen der Worte, de 1975)*, Companhia das Letras, 1990, e *O Jogo dos Olhos (Das Augenspiel, de 1985)*, terceiro volume da autobiografia, Companhia das Letras, 1990.

Críticas altamente positivas são apenas mais um indício de que Canetti conquistou

entre nós um público fiel. O interesse despertado por sua obra decorre, por certo, do testemunho arguto, sincero e sensível do autor, relativo a uma época extremamente profícua, caracterizada pelo surgimento de obras excepcionais nas mais diversas áreas da produção intelectual, cujo traço comum é o fascínio do novo num mundo prestes a esfacelar-se. Os grandes movimentos políticos e sociais de nosso tempo foram vivenciados por Canetti e estão presentes em sua obra como advertência daquilo que a humanidade presenciou e continua presenciando. Os mais relevantes acontecimentos culturais e literários, por sua vez, também nela estão presentes, caracterizados pela marca inconfundível da modernidade. Esse testemunho “ocular e auricular” do autor, numa referência à ênfase dada por ele aos sentidos, conforme os títulos de seus livros, nos quais estão presentes o “ofuscamento” no primeiro romance, a “língua”, o “ouvido” e os “olhos” nos volumes da autobiografia, as “vozes” de Marrakech, revela pois não só sua paixão pela literatura, mas também o seu rigor e sua responsabilidade de poeta, atestado igualmente pelo respeito ao poder das palavras e à sua “consciência”.

Dentre os autores de língua alemã traduzidos no Brasil, Canetti assumiu, em poucos anos, sem dúvida, uma posição de destaque. Conforme dito anteriormente, no âmbito dos países de língua alemã, esse processo foi longo e entremeadado de obstáculos. Não há dúvida, porém, que Canetti veio a desempenhar um papel significativo também na vida literá-

ria alemã. Não obstante esse sucesso tardio, Canetti permaneceu até sua morte perseverantemente solitário, jamais cogitando de abrir mão de sua posição marginal de escritor judeu sefardita de língua alemã. Seu exílio, voluntário até sua morte, pode ser entendido como asilo, como forma de vida. É nesta posição que Canetti pagou seu tributo à língua alemã, sua verdadeira pátria lingüística. Nos últimos anos da guerra, declarou: “A língua de meu espírito permanecerá sendo a alemã - e justamente porque sou judeu. O que sobrar de aquele país devastado sob todos os pontos de vista quero preservar em mim como judeu. O meu destino também é o meu; mas trago comigo um fator humano a mais. Quero restituir à sua língua o que lhe devo” (7). Em outro aforismo, de 1945, Canetti retoma o mesmo pensamento: “Hoje com a Alemanha em ruínas, tudo mudou ... As pessoas logo irão procurar por sua língua, que lhes foi roubada e deturpada. Quem a manteve sempre pura nos anos da maior loucura terá que cedê-la agora ... e devolvê-la (aos alemães) com amor e com agradecimento, com juros e mais juros” (8).

Tais citações revelam a sua relação singular com as palavras alemãs, sobretudo sua preocupação com a língua alemã no exílio. Sob esta constelação histórica aguçase igualmente a compreensão, agora mais profunda, de sua responsabilidade literária, de seu “ofício de poeta” de língua alemã, judeu sefardita, nascido na Bulgária, cidadão do mundo, cuja obra está também fortemente impregnada pela tradição milenar de seus ancestrais.

7 E. Canetti, *Die Provinz Menschen*, op. cit., p. 62.

8 Idem, *ibidem*, p. 75.

BIBLIOGRAFIA

- BARNOUW, D. *Elias Canetti*. Stuttgart, J. B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1979.
- BISCHOFF, A.M. *Elias Canetti - Stationen zu seinem Werk*. Bern, Peter Lang, 1973.
- BOLLACHER, M. “‘Chaos’ und ‘Verwandlung’ - Bemerkungen zu Canettis Poetik des Widerstands”, in *Euphorion*, vol. 73, 1979, pp. 169-85.
- . “Vom Gewissen der Worte. Elias Canetti und die Verantwortung des Dichters im Exil”, in G. E. Grimm e H. P. Bayerdörfer, (eds.), *Im Zeichen Hiobs*. Königstein/Ts., Athenäum, 1985, pp. 326-37.
- DURZAK, M. (ed.). *Zu Elias Canetti*, Stuttgart, Klett, 1983.
- ENZENSBERGER, H. M. *Der Spiegel*, XVII, H. 32, 1963.
- GÖPFERT, H. G. (ed.). *Canetti lesen - Erfahrungen mit seinen Büchern*. München, Hanser, 1975.
- KASZYNSKI, S. H. (ed.), *Die Lesbarkeit der Welt*. Poznań, Drukarnia Uniwersytet Im. Adama, Mickiewicza, 1984.
- PIEL, E. *Elias Canetti*. München, Beck/edition text + kritik, 1984.
- REICH-RANICKI M. “Elias Canetti”, in M. REICH-RANICKI (ed.) *Entgegnung*. Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1969.
- VÁRIOS. *Hüter der Verwandlung - Beiträge zum Werk von Elias Canetti*. Frankfurt a.M., Fischer, 1985.